

Wilson Barbosa – Vida e Práxis

por Yuri Martins Fontes*

Wilson do Nascimento Barbosa** tem formação em história, economia e estatística. Foi professor titular do Departamento de História da USP, sendo especializado em história econômica, história moderna e contemporânea, economia internacional, teoria e filosofia da história e cultura negra no Brasil.

É autor de vários livros (nas áreas de história econômica e social, além de obras literárias), dentre os quais: “A Surda – memória militante” (Com-Arte, 2013); “Balanço da Economia Brasileira: 1940-1980” (LCTE, 2006); “Cultura Negra e Dominação” (Unisinos, 2002); “O Caminho do Negro” (Câmara do Livro, 1999); e “Atrás do Muro da Noite – dinâmica das culturas afro-brasileiras” (Fundação Palmares, 1994).

Quanto aos seus artigos e ensaios, os quais abordam ampla temática, destacam-se: “O Soldado Invencível” (Rev. Mouro, 2015); “Sobre a Estratégia Leninista” (Rev. Mouro, 2013); “O lugar da História Econômica entre as Ciências Sociais” (Rev. Economia Política e História Econômica, 2009); “Da 'Nbandla à Umbanda: transformações na cultura afro-brasileira” (Sankofa, 2008); “Relembrando a formação da CEPAL” (Pesquisa e Debate, 2004); “O historiador e o fato histórico” (Caminhos da História, 1999); “Nelson Werneck Sodré e o ‘marxismo ocidental’ (Revista de História/USP, 1998).

Foi militante do PCB e guerrilheiro da ALN, tendo sido exilado, na época da ditadura militar, por mais de uma década, período em que viveu em muitos países, tais como a Suécia (onde se doutorou pela Universidade de Lund), além de outras nações da Europa, América e África – tornando-se

* Pesquisador de pós-doutorado (USP-2015/ PUC-SP-2016); doutor em história econômica latino-americana (USP/ CNRS), com formação em filosofia e engenharia (USP). Exerce também atividades como jornalista, professor, tradutor e ensaísta. É membro do conselho editorial da Revista Mouro e coordenador do Núcleo Práxis (LEPHE-USP).

** Colaborou com esta entrevista a pesquisadora Mariana Mendonça Meyer (FAU / ECA-USP), quem realizou a transcrição e a revisão final.

poliglota (sueco, alemão, inglês, francês, castelhano...). Nesta época, trabalhou também no Ministério dos Transportes do governo da *Frente de Libertação de Moçambique* (FRELIMO).

Atualmente, é coordenador do Laboratório de Economia Política e História Econômica da USP, e conselheiro editorial das revistas “Mouro–Núcleo de Estudos d’*O Capital*” e “Sankofa–História da África e Estudos da Diáspora Africana”, além de outras publicações.

E embora costume afirmar aos seus alunos que se trata de seu “último curso”, ainda ministra na pós-graduação da História-USP, como professor aposentado, a sempre disputada disciplina de “História econômica do Brasil”.

1- Professor Wilson, antes de tudo obrigado por conceder esta entrevista – depois de tanto tempo de tentativas. De início, queria lhe perguntar como se deu essencialmente sua formação pessoal e sua primeira aproximação com a política?

WB - Comecei minha participação nas greves dos bondes, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em 1956. O serviço de bondes da companhia *Light* era o principal meio de transporte da população. Dizem que por provocação, para derrubar o presidente Juscelino, a *Light* pediu que o preço da passagem subisse de 1 cruzeiro para 2 cruzeiros, e a besta do prefeito Negrão de Lima, supostamente homem do JK, concedeu o aumento. JK, que era muito cínico e autoritário, mandou baixar o cacete na estudantada, que começara numa tarde a parar os bondes. Saiu na frente o Pedro II, que era a escola mais numerosa de secundaristas do Rio, talvez uns 8 mil, e todos os estudantes a seguiram. O governo mandou invadir a UNE no meio de uma assembleia estudantil e houve pancadaria, prisões, etc.

Aí a moçada ferveu. Passavam sabão, óleo queimado, nos trilhos, jogavam os carros de passeio no carrinho dos bondes, queimavam e quebravam; foi brabo. Naquela época o PCB ainda era estalinista e a UJC não era brinquedo, era coisa de brabo mesmo. A greve se estendeu para Minas, Porto Alegre e o governo acabou recuando. JK sempre se cercou de picaretas, carreiristas e traidores; ele sabia, mas era um cara frio, sem ódio e se defendia de todos eles. O papel do Negrão de Lima nisso aí nunca foi esclarecido. O governo voltou o preço da passagem para 1 cruzeiro e botou a diferença do outro

cruzeiro na conta de luz da mocidade... Naquela época, o Brasil já era Brasil...

2- Você poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória de militância ativa – que passa pelo PCB e pela guerrilha da ALN?

WB - Eu e minha irmã já éramos de esquerda no movimento secundarista, mas eu entrei no PCB em outubro de 1960. Não era tão sério assim ser do PCB estudantil, era uma espécie de creche socialista. Quem me levou para lá foi o Antonio Carlos, entre outros colegas de universidade. Mas depois da queda de Jânio, fui militar na Seção de Educação e Propaganda do Comitê Central. Lá estavam pessoas importantes e admiráveis, o que me colocou muita pressão na época. O secretário – veja só – era o Apolônio de Carvalho. E faziam parte o Mário Alves de Souza Vieira, que tinha apenas 38 anos, mas dirigia a imprensa do Partido; o educador Paschoal Lemme; Jacob Gorender; e um outro pirralho um pouco mais competente do que eu...

Era muito trabalho. Tinha-se que dar os cursos do partido (básico, médio e superior) e viajar pelos estados criando comissões e seções locais de educação e propaganda. Eu e o outro perna-de-pau fomos dispensados de dar o curso superior, mas dávamos os outros, em sindicatos, casas de militantes e simpatizantes, etc. Tudo isso era feito e você ainda tinha que cumprir suas outras obrigações costumeiras, isso é, manter-se boiando na sociedade capitalista.

Depois do golpe de 1964, o partido viu-se desmontado por duas razões: (1) a direção deixou-se apanhar de surpresa pelo golpe (!), enquanto ela própria avisava sempre todas as forças da frente única que ia haver o golpe; (2) com isso, a direção dividiu-se e deu mais importância à sua divisão do que manter o partido estruturado. Pode-se compreender isso caso se compreenda que havia dirigentes brilhantes, mas a maioria dos dirigentes, cerca de trezentos, era fraca.

Aí pessoalmente tratei de sobreviver com empreguinhas na área de publicidade e de cursinhos, vim para São Paulo e continuei conspirando contra a ditadura. Fazia-se trabalho de porta de fábrica, organização no campo e trabalho de educação política. O resto veio como desfecho, as coisas do cotidiano acabaram atropelando o processo de organização. Mesmo na época, entendia-se que não podia ocorrer assim, mas ocorreu.

3- Qual de seus famosos casos, de sua vida na guerrilha, você se lembra como o mais significativo em sua vida?

WB - O H. G. Wells certa vez entrevistou o Stálin e perguntou-lhe quais eram as contribuições positivas dele para o socialismo. Stálin respondeu: – Não creio que dei alguma contribuição positiva para o socialismo.

Vou ficar com Stálin. O indivíduo não faz muita coisa que presta. Ele só tenta acertar. Mas é difícil. A história real não tem pena de pessoas, só de grupos e de classes inteiras. Fico com a frase de Sartre: " a existência é um fracasso". Mas se deve tentar ajudar o que é certo.

4- Como se deu a história de seu exílio? Em quais países você viveu; onde encontrou mais acolhida? Que línguas aprendeu; que estudou e trabalhou no período?

WB - Vivi quase 14 anos no exílio. Fui melhor acolhido na Suécia e em Moçambique. Os suecos são muito organizados e dispõem de meios para tal. Os moçambicanos são muito organizados, mas lá a pobreza atrapalha o progresso deles. No entanto, creio que vão se dar bem, porque lutam para avançar. Aprendi o sueco e um pouco de línguas germânicas. Na África, aprendi algumas frases em swahili e em changana. Trabalhar duro não dá muito tempo para se conversar... Lembro-me que no meu primeiro trabalho na Suécia, um amigo meu, que me havia levado para lá, desculpou-se com meus colegas de trabalho porque eu falava mal o sueco. Eles responderam: – Não! Ele fala muito bem! Ele cumpre certo todas as tarefas dadas!

No Chile, estudei planificação econômica, num curso patrocinado pela CORFO, na Escolatina; e Fortran, também num curso da Universidade; fui aluno do mestrado de Ciência Política e Administração Pública da FLACSO; fui aluno do mestrado de Economia, da Sede Oriente da Universidade do Chile. O golpe do Pinochet atrapalhou minhas tentativas de mestrado.

Na Suécia, estudei como graduação economia nacional e economia de empresas; estatística e história econômica; economia de transportes; como pós-graduação, foi economia internacional, informática, história econômica. Fiz meu doutorado na história econômica, da Faculdade de Ciências

Sociais da Universidade de Lund.

5- Como você interpreta a derrota político-econômica (“parcial” – seria isso?) do bloco soviético diante da pressão capitaneada pelos Estados Unidos? E aproveito aqui para lhe pedir que nos relembre sua bem-humorada análise das características dos alemães, em especial quanto à fabricação de “lâmpadas” – fruto de sua experiência na República Democrática da Alemanha (jamais “Alemanha Oriental”, como você sempre frisa).

WB - A União Soviética sozinha não poderia vencer o mundo capitalista e ainda de quebra vencer a parte da sua população que era (e é) anticomunista, antioletivista e partidária da exploração capitalista. Na nossa época, ainda se está educando a população do mundo para adotar o sistema socialista. Esta luta entre a exploração e os explorados ainda vai durar séculos. Mao Tsé-Tung (não gosto de “Mao Zedong”) costumava dizer que com o regime socialista instalado, a luta irá durar ainda uns 400 anos. A maioria das pessoas é oportunista. Veja as greves aqui na USP; dez fazem, e noventa ficam esperando os benefícios que virão e falando mal dos grevistas... A caminhada é longa. Durval Miguel de Barros, um grande revolucionário que conheci na minha juventude, nos dizia sempre: – Savonarola não viu o socialismo triunfar. O mais difícil para um revolucionário é descobrir que não vai ver a mudança e continuar lutando pelo que é justo...

Os alemães da DDR eram uns caras fora de série. Eles transformaram aquele pedacinho da Prússia, onde só havia batatas, no quinto país industrial da Europa em apenas 35 anos. A piada da indústria da DDR é que seus produtos industriais não tinham “ciclo de vida”, eram feitos para durar “para sempre”, como os produtos do século XIX... Eles diziam que não precisavam encurtar o ciclo de vida do produto porque não queriam explorar a população que os comprasse... Era outra lógica, é claro.

6- Em seu concorrido curso de pós-graduação da USP, sobre a história econômica brasileira, você tece sempre valiosas críticas sobre os caminhos políticos que levaram o Brasil a permanecer na atual condição de país *dependente e periférico* no capitalismo. Você poderia nos expôr, em linhas gerais, quais as principais atitudes políticas (ou *falta delas*) que conformaram o

“sentido” da nação brasileira?

WB - Obrigado, vocês são gentis com essas palavras. A minha posição quanto ao professor é a seguinte: você não pode ensinar tudo a um aluno. Não há tempo. Não há condições. Então você tem que se agarrar em ensiná-lo a pensar. Como fazê-lo? Simples: (1) sendo provocador, “avacalhando” teorias e explicações “fajutas” e chamando a atenção do aluno para isso; (2) sendo humilde; não pode “fingir” que inventou o que sabe; mostrando-lhe a importância de conhecer a bibliografia; a importância de estudar muito e sempre; (3) sendo denunciador. Mostrar sempre o conteúdo de classe dos argumentos e das teorias da dominação, seu caráter racista e até intelectualmente pobre de conteúdo.

Veja por exemplo: a nação brasileira é uma antinacção; um país em que as classes dominantes sonegam seus impostos, só nos paraísos fiscais, 413 bilhões de reais por ano; onde só no primeiro semestre, queimaram-se 99 favelas em São Paulo; em que a presidente legitimamente eleita é afastada por ... “pedaladas fiscais” ...; em que há uma lei imposta pelo FMI a FHC, para emprestar-lhe um “troco” em 1998, chamada de “lei da responsabilidade fiscal”, pela qual o país abre mão de usar a moeda (o dinheiro) como instrumento político do crescimento econômico, etc... Isso não é uma nação.

Praticamente, se você se sentar junto ao rádio e ouvi-lo um dia inteiro, não ouvirá uma única medida tomada pelas autoridades que não seja contra o povo. É um ambiente surreal! Nesse caso, o “sentido” da nação seria o sentido oposto... (aquele que não é).

7- Como você vivenciou, no calor dos acontecimentos, a criação do PSDB e do PT – em sua ótica de historiador e homem político que pôde observar de perto a ascensão destas duas forças políticas?

WB - Eu achei muito bom, porque era sair do esquema da ditadura para um esquema de democracia burguesa, com pluralidade de partidos e tudo mais. No entanto, nunca tive ilusões de que seriam partidos favoráveis à maioria da população. O PT mostrou-se um pouquinho melhor, com uma política de salário-mínimo que permitia comer. O PSDB logo revelou sua má-caratice, se tornando

um partido a serviço da internacionalização do Brasil. Nenhuma surpresa quanto a essas duas criaturas do imperialismo.

8- Que lhe parece mais urgente, dentre a atual pauta de projetos necessários à formação de uma nação brasileira independente: reforma política, agrária, tributária, ou de democratização da mídia? Qual o “sentido” do Brasil no século XXI?

WB - Eu acho que o Brasil não tem chance nenhuma. Qualquer proposta aqui está contaminada por quem vai apresentá-la ou implementá-la. Vocês jovens não entendem a natureza da dominação. O Brasil não é diferente do Congo ou da Nigéria. Da Venezuela ou da Argentina. A estratégia da burguesia – seja ela interna ou externa – é o engodo, o engano, a mentira, a mistificação. Vocês não conseguem entender o que é isso. O Brasil está estagnado há uns 34 anos; desde a crise de 1981-83, está no tal do “ande-e-pare”, no tal do “*stop and go*”... Isso não é uma fórmula, é uma estratégia ditada de fora para dentro.

Vocês nasceram na estagnação e não percebem o que ela é. Na ditadura, no DOI-CODI, enquanto se torturava, tocava-se a musiquinha do Roberto Carlos... Vocês me desculpem, mas estão apenas ouvindo aquelas canções...

9- Com relação a sua atuação em defesa da cultura e direitos dos negros, em seu artigo “A discriminação do negro como fato estruturador do poder” (Sankofa, 2009), você concebe que o negro brasileiro continua mantido em uma posição subalterna, pois que isto faz parte da própria *estrutura sociopolítica* de nosso país. Como se poderia começar a reverter esta tragédia histórica?

WB - Tragédias só são reversíveis – assim mesmo em parte – com revoluções.

10- Você poderia nos recomendar uma meia-dúzia de livros ou autores que, em seu ponto de vista, são hoje fundamentais para uma formação intelectual *humana* que se pretenda *plena* – no sentido do que Marx sugere ser o objetivo de uma sociedade evoluída, comunista?

WB - Eu valorizo, além de Marx, Jean-Paul Sartre, Ernst Bloch, Ho Chi Minh, Giap e Mao Tsé-Tung. Em economia, Joan Robinson, Kalecki e Celso Furtado.

11 - Como você vê a atual conjuntura que estamos vivenciando – ruptura democrática, perda de direitos fundamentais, ascensão do discurso fascista (que já não se esconde)? Quais os principais fatores que nos levaram a esta situação caótica, na sua opinião? E diante deste cenário, que ações imediatas devem ou podem ser tomadas? Você pensa que a construção de uma *Frente Popular*, reunindo várias agremiações progressistas, possa ser parte de uma alternativa a este tão desgastado espectro político?

WB - A ruptura democrática é uma necessidade das forças de direita, que não conseguem mais obter uma maioria eleitoral; trata-se do mesmo fenômeno de 1964: quando perdem a maioria, dão o golpe. O Brasil, como semicolonial, é hoje mais dependente dos gringos do que nunca – EUA e Europa. Tem uma elite criada desde o exterior e cada vez mais voltada para o exterior. A perda de direitos é a compensação dada aos patrões para que apoiem o golpe, inventa-se uma crise fiscal, com a qual se impede o Estado de assumir um papel nacional.

O povo não reage porque tem sido despolitizado nos últimos 30 anos. Insiste-se no modelo americano de dois partidos, sem permitir alianças de classe, movimentos históricos e de base. Os dois partidos dominantes, PSDB e PT, são partidários da globalização. O discurso fascista é importado de Miami, por uma elite econômica que vive no exterior e que não é nacional na verdade.

Os fatos que levaram a esta situação são resultado da despolitização promovida pelos dois referidos partidos. É muito fácil conduzir hoje o Brasil de fora para dentro. Do ponto de vista da Esquerda, só uma reorganização do movimento popular, desde a base, pode levar a algo diferente.

Politicamente, a situação só pode mudar, no médio prazo, se houver um contragolpe vindo do setor militar, tipo a quase derrubada do Erdogan – com a diferença de que os que queriam derrubar o Erdogan eram aliados dos EUA, e aqueles que deveriam ou devem derrubar aqui, hoje, a pseudodemocracia não seriam aliados dos EUA. Nas Forças Armadas do Brasil, hoje, há um forte setor que não é pró-norte-americano, e ele tem que pensar nas implicações atuais sobre seu futuro e

seu projeto de Nação.

12- Por fim, que mensagem você deixaria para que nós, seus tantos alunos e atentos leitores – e os alunos de seus alunos – façamos chegar (antes de tudo) aos ouvidos do povo?

WB - “Afastai as vossas ilusões e preparai-vos para a guerra!”, Mao Tsé-Tung.